

Pronomes Resumptivos e Abandono de Preposição nos Crioulos Atlânticos de Base Portuguesa¹

Nélia Alexandre

Universidade Autónoma de Lisboa

*Tjerk Hagemeijer**

Universidade de Lisboa

1. Introdução

Neste artigo, propomo-nos analisar o comportamento de PPs em contextos de movimento, *i.e.*, em estruturas relativas, interrogativas, clivadas² e comparativas, em diversos crioulos atlânticos de base portuguesa da Alta Guiné, designadamente o crioulo de Santiago (CST) e o crioulo de São Vicente (CSV), falados em Cabo Verde, e o Kriyol (KR), falado na Guiné-Bissau, e três crioulos do Golfo da Guiné geneticamente relacionados, designadamente o Santome (ST), o Angolar (AN), falados na ilha de S. Tomé, e o Lung'iyé (LU), falado na ilha do Príncipe. Devido a limitações de espaço, vemo-nos obrigados a sintetizar diversos aspectos em detrimento de uma panorâmica geral do problema, sendo que muitos pontos carecem de investigação futura. Excepto no caso do Lung'iyé, os inquéritos foram submetidos a mais de um falante nativo de cada língua crioula em questão.

Desde o surgimento do Bioprograma de Bickerton (1981, 1984), muito se escreveu sobre a natureza universal das línguas ditas crioulas. Inicialmente, Bickerton propôs dois processos distintos mas intimamente relacionados, a pidginização e a crioulição. O primeiro consiste num compromisso entre falantes de duas (ou eventualmente mais) comunidades linguísticas para criar uma linguagem simplificada para efeitos de comunicação básica; o segundo caracteriza-se pela reestruturação e nativização drástica e rápida desse *input* reduzido por crianças, tendo levado este autor a argumentar que as línguas crioulas seguem sempre a opção não marcada para os parâmetros da Gramática Universal (GU). A teoria de

¹ Agradecemos a Inês Duarte e a Tonjes Veenstra pela discussão de diversos aspectos deste trabalho, bem como aos nossos informantes, Agostinho Viegas, "Ninho" e Osvaldo (AN), Alfa Baldé e Dionísio Ewalar (KR), Caustrino Alcântara, Jerónimo Pontes e Ivo Jordão (ST), Isabel Umbelina (LU), Nélida Ferreira Lima (CSV), Celso Ribeiro e Ana Josefa Cardoso (CST), e Alejandro Goilo (Papiamentu) pelos dados fornecidos.

* Bolsa de Doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Ministério da Ciência e da Tecnologia.

² Embora manifestem comportamentos idênticos aos das outras estruturas, estas construções não serão aqui exploradas, visto terem exibido comportamentos díspares nos vários crioulos analisados, apontando para a necessidade de uma investigação mais aprofundada.

Bickerton foi amplamente aplicada a outros crioulos e verificou-se que os seus pressupostos apresentavam vários pontos fracos: por exemplo, nem sempre a crioulição é um processo rápido e, frequentemente, o papel dos adultos é primordial (cf. artigos em Arends 1995).

Autores como Thomason & Kaufman (1988) consideram que não há, no entanto, necessidade de postular uma fase *pidgin* para explicar a existência de todas as línguas crioulas. Nessa perspectiva, alguns crioulos terão surgido em consequência de um corte abrupto na transmissão linguística, que se caracteriza pelo abandono das línguas maternas pela população escrava. Em termos genealógicos, estas línguas seriam, pois, órfãs. Face às numerosas propriedades de substrato encontradas nos crioulos, a teoria da relexificação (Lefebvre 1998) revelou também não ter suficiente capacidade explicativa.

DeGraff (2000:28) apresenta uma perspectiva mais cognitiva e neutra da questão ao afirmar que: *It is an epistemological (Uniformitarian) given that Creole speakers as a class cannot be isolated strictly on the basis of mental properties. I.e. any linguistic property manifested by Creole speakers is in principle an intrinsically-human mental property that can also be manifested by non-Creole speakers, and vice-versa.* Ainda assim, a ideia de que as línguas crioulas são menos complexas do que outras línguas naturais, por serem mais recentes e terem resultado de uma fase *pidgin*, subsiste em autores como McWhorter (2001).

Em primeiro lugar, deve-se notar que o denominador comum das línguas crioulas não é a sua caracterização linguística – seria difícil agrupar línguas que são o produto de superstratos e substratos distintos – mas sim o contexto sócio-histórico em que surgiram. Ainda assim, o processo de crioulição envolve tantos factores que também nunca encontraríamos dois contextos socio-históricos idênticos. O objectivo deste artigo consiste, pois, em avaliar as referidas perspectivas universalistas e em verificar se porventura as estratégias linguísticas em causa poderão ser indicadores de parâmetros não marcados e/ou economia representacional a nível interno da língua.

Diversos outros módulos da gramática, como por exemplo, o sistema TMA, os verbos seriais ou as construções de objecto duplo, têm merecido destaque no debate sobre a universalidade dos crioulos. Segundo Muysken (1988), a extracção-Wh de PPs desempenha igualmente um papel importante na discussão sobre o carácter não marcado das línguas crioulas. Van Riemsdijk (1978), por exemplo, assumiu que a estratégia de *pied-piping* deve ser considerada a não marcada, enquanto Chomsky (1995) defende que, em termos gerais e numa perspectiva de economia das derivações, as estruturas sem *pied-piping* são derivacionalmente mais económicas do que as que envolvem movimento, dado o menor número de traços a verificar.

Além do *pied-piping*, existem pelo menos três formas de se extrair um elemento preposicionado, nomeadamente, a estratégia cortadora, a resumptivização e o abandono de preposição, que pode ser com ou sem vestígio realizado.

(A) *pied-piping*: estratégia caracterizada por movimento-Wh do PP pleno para uma posição-A':

- (1) Kes mudjer **ma ken** n fala e dretu. (CSV)
DEM mulher com quem 1SG falar ser simpático.
'As mulheres com quem falei são simpáticas.'
- (2) **Pa nundi** ku bu na pera viaja? (KR)
para onde KU 2SG ASP esperar viajar
'Para onde esperas viajar?'

(B) *Cortadora*: estratégia caracterizada por apagamento da preposição do PP extraído:

- (3) Kes mudjer [CP [P Ø] ke n fala] e dretu. (CSV)
DEM mulher que 1SG falar ser simpático.
'As mulheres com quem falei são simpáticas.'

(C) *pronomes resumptivos*: estratégia caracterizada pela presença, no local de extracção, de um pronome com traços- ϕ de concordância (número e género) correspondentes aos do seu antecedente.:

- (4) [Kali inen miga] ki txi ve mosu ãa sa fala k'[inen] a? (LU)
que 3PL amigo KI 2SG encontrar rapaz um estar falar com-3PL PI
*'Que amigos encontraste um rapaz a falar com eles?'
- (5) [Kwali ene tubi-tubi] ma o me txiba doke [ene]. (AN)
que 3PL crianças MA-2SG comer banana do-que 3PL
'Comeste mais bananas do que que crianças?'

(D) *Abandono de preposição com vestígio foneticamente realizado* (PSST): estratégia caracterizada pela ocorrência de um pronome sem traços- ϕ de concordância com o seu antecedente no local da extracção-wh e à direita da preposição. Este pronome é sempre uma forma invariável com a informação morfológica da 3ª p/sing.:

- (6) [Inen mwala se] ku n fla ku [ê]. (ST)
3PL mulher DEM que 1SG falar com 3SG
'Essas mulheres com quem falei.'
- (7) [Kê na pikina] ô ka fa ku [ê]? (AN)
que criança pequena 2SG ASP falar com 3SG
'Com que crianças falaste?'

Se assumirmos que as línguas crioulas estão mais próximas da GU ou do Bio-programa, prediz-se que se apresentam mais económicas do ponto de vista da deri-

Quadro 1: Estratégias de extracção

Estratégias	Contextos SINTÁCTICOS	PORTUGAL		Cabo Verde		GUINE-BISSAU		S. TOMÉ E PRÍNCIPE		Angolar
		Português	São Vicente	Santiago	Kriyol	Santome	Principense			
Pied-Piping	Relativas	OBL	+	-	-	-	-	-	-	-
		Ilhas Fortes	-	-	-	-	-	-	-	-
	Interrogativas	Ilhas Fracas	+	-	-	-	-	-	-	-
		Parciais	+	+	+	+	+	+	+	+
		Ilhas Fortes	-	-	-	-	-	-	-	-
		Ilhas Fracas	+	+	-	-	-	-	-	-
Clivadas	Comparativas	+	+	-	-	-	-	-	-	
	Comparativas	-	-	-	-	-	-	-	-	
Cortadora	Relativas	OBL	+	-	-	-	-	-	-	-
		Ilhas Fortes	-	-	-	-	-	-	-	-
	Interrogativas	Ilhas Fracas	-	-	-	-	-	-	-	-
		Parciais	+	-	-	-	-	-	-	-
		Ilhas Fortes	-	-	-	-	-	-	-	-
		Ilhas Fracas	-	-	-	-	-	-	-	-
Clivadas	Comparativas	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Comparativas	-	-	-	-	-	-	-	-	
PSST	Relativas	OBL	-	-	+	-	-	-	-	+
		Ilhas Fortes	-	-	-	-	-	-	-	-
	Interrogativas	Ilhas Fracas	-	-	-	-	-	-	-	-
		Parciais	-	-	-	+	-	-	-	-
		Ilhas Fortes	-	-	-	-	-	-	-	-
		Ilhas Fracas	-	-	-	-	+	-	-	-
Clivadas	Comparativas	-	-	-	+	-	-	-	-	
	Comparativas	-	-	-	-	-	-	-	-	
Resumptivos	Relativas	OBL	+	+	-	-	-	-	-	-
		Ilhas Fortes	+	+	+	+	+	+	+	+
	Interrogativas	Ilhas Fracas	-	-	-	-	-	-	-	-
		Parciais	-	-	-	-	-	-	-	-
		Ilhas Fortes	+	+	+	+	+	+	+	+
		Ilhas Fracas	-	-	-	+	+	+	+	-
Clivadas	Comparativas	-	-	-	-	-	-	-	-	
	Comparativas	-	-	-	-	-	-	-	-	

vação. Por conseguinte, a discussão dos dados passa por saber o que é, na prática, uma derivação mais económica e por ver como as referidas línguas se enquadram desse ponto de vista.

De acordo com Veenstra e Den Besten (1994), os crioulos seguem diferentes estratégias no que se refere à extracção-Wh de PPs. Alguns permitem o abandono da preposição, outros não o permitem, enquanto outros ainda o permitem, desde que haja um vestígio foneticamente realizado. Esta distribuição constitui em si, desde já, um problema sério para a perspectiva universalista, embora só um estudo exaustivo dos superstratos e substratos das respectivas línguas permita chegar a conclusões mais definitivas nesse âmbito.

Apesar de o português seiscentista (escrito) não ser uma língua que se caracteriza por abandono de preposição ou por resumptivização, é interessante verificar que, à excepção do crioulo de S. Vicente³, todos os crioulos de base portuguesa dispõem de uma estratégia de abandono de preposição com vestígio realizado nas orações relativas, interrogativas, clivadas e comparativas, escapando assim ao *pied-piping* da preposição, além de recorrer também à estratégia resumptiva em contextos de ilhas.⁴

O Quadro 1 ilustra a distribuição das estratégias disponíveis nos respectivos contextos.

2. Estruturas com movimento-Wh

2.1 Orações relativas

Como se pode observar no Quadro 1, a estratégia de *pied-piping* só é usada nas relativas pelo PE e CSV. O crioulo de São Vicente é o único a recorrer à estratégia cortadora (embora o PE o permita marginalmente) e ao *pied-piping*. Todos os outros crioulos recorrem ao abandono de preposição com vestígio realizado, de modo que há um contraste acentuado entre o CSV (semelhante ao PE) e os restantes crioulos.

- (8) Kes mudjer [ma ken]_i n fala *t_i* e dretu. (CSV)
DEF mulher com quem 1SG falar ser simpático
- (9) Mudjeris ke n papia [ku el] é dretu. (CST)
mulher que 1SG falar com ele ser simpático
Ambas: 'As mulheres com quem falei são simpáticas.'

³ O facto de o crioulo de S. Vicente se afastar do paradigma geral terá a ver, em princípio, com a maior proximidade do modelo do superstrato que se deve às condições específicas de povoamento da ilha.

⁴ Verifica-se que também o Papiamento, crioulo das Antilhas neerlandesas e geralmente considerado um crioulo de base portuguesa relexificado pelo espanhol (cf. por ex. Martinus 1996), apresenta esta mesma distribuição das duas estratégias (cf. Dijkhoff 1983, informante).

A estratégia do pronome resumptivo é usada sempre em contextos de ilhas e por quase todas as línguas analisadas, à excepção do AN, que de uma forma generalizada permite mais facilmente a extracção de contextos de ilhas sem deixar pronomes resumptivos mas sim a preposição com vestígio realizado.

Quanto às orações relativas de genitivo, sejam de posse inalienável ou não, que em PE envolvem extracção-PP, verifica-se que nenhum dos crioulos estudados as autoriza, o que vai de encontro a Comrie (1981:156) que afirma que hierarquicamente é mais fácil formar relativas de SU ou de OBJ (directo ou indirecto) do que de genitivo. Isso é corroborado por línguas que permitem apenas relativas de SU, por exemplo, o Malgaxe, e línguas que tradicionalmente apresentam relativas de genitivo mas nas quais os falantes recorrem a estratégias alternativas para evitá-las, como o PE ou o PB.

- (10) a. Mudjeres ki tene ropa suxu é simpatika. (CSV)
 b. Mudjeres ki tene ropa suxu é simpatika. (CST)
 c. Mindjeres ku tene ropa susus é diretu. (KR)
 Mulheres que ter roupa sujo ser simpático
 'As mulheres cuja roupas estão sujas são simpáticas.'

Para as relativas, propomos a estrutura clássica, com movimento do operador (ver Brito, 1991, para o PE).

2.2 Interrogativas

O Quadro 1 mostra que, à excepção do AN, todas as línguas apresentam a estratégia de *pied-piping* nas interrogativas, embora seja necessário aprofundar esta matéria para determinar que preposições facilitam o *pied-piping* e se os crioulos sob análise se comportam de forma idêntica a esse respeito. Os crioulos do Golfo da Guiné e o Kriyol, ou seja, aqueles de que se assume que sofreram uma maior reestruturação relativo ao modelo do superstrato, também permitem a estratégia de PSST nas interrogativas.

Os crioulos aqui analisados apresentam geralmente pronomes relativos distintos dos pronomes interrogativos, sendo que os segundos se caracterizam por uma forma foneticamente mais marcada.

- (11) a. As facas **que...** / **Que** facas...? (PT)
 b. Inen faka se **ku...** / **Kê/k(w)ali** faka...? (ST)
 c. Faka **ke...** / **Kole** faka...? (CSV)
 (12) **Kantu tempu** ki bu ten ta spera pexe? (CST)
 quanto tempo KI 2SG ter ASP espera peixe
 'Há quanto tempo estás à espera do peixe?'

- (13) **Kwali faka** ma o ka kota ene mpon ku-e? (AN)
 que faca MA 2SG ASP cortar 3PL pão com-3SG
 'Com que facas cortaste os pães?'

De acordo com Chomsky (1982), a força quantificacional do elemento-Wh movido é relevante para induzir o seu movimento para uma posição onde tem escopo sobre toda a oração. Desde Chomsky (1995), este movimento pode ser reformulado como a verificação de traços de operador em SPEC,CP. Por conseguinte, os elementos-Wh fortes desencadeiam, pois, o *pied-piping* nas interrogativas (note-se que o PE exclui os pronomes resumptivos em contextos de interrogativas, mesmo marginalmente). Com elementos-Wh fracos, as orações relativas preferem a estratégia de abandono de preposição com vestígio realizado. Em contextos de ilhas, no entanto, volta a verificar-se um paralelo entre relativas e interrogativas, pois nestes contextos ambas as estruturas preferem a resumptivização.

Adoptamos a estrutura clássica, com movimento do PP/DP para SPEC,CP para as interrogativas.

2.3 Comparativas

Contrariamente ao português, os crioulos analisados permitem a formação de comparativas através das estratégias de PSST, no caso do ST, através da estratégia resumptiva, no caso do CST, LU e AN, ou ainda através de uma cortadora, no caso do KR.⁵ Os juízos dos informantes do AN variam entre PSST e resumptivização.

Para explicar este tipo de dados, recorreremos a três hipóteses distintas. Primeira, a estrutura das orações comparativas em CST e LU é a mesma que a das relativas livres, na linha da proposta de Donati (1997). Sendo o elemento-Wh extraído de um DP relativizado, uma ilha que funciona como uma barreira ao movimento, a derivação só será bem sucedida se se recorrer a um pronome resumptivo, a única estratégia disponível para os contextos de ilha. Esta hipótese resulta na seguinte estrutura:

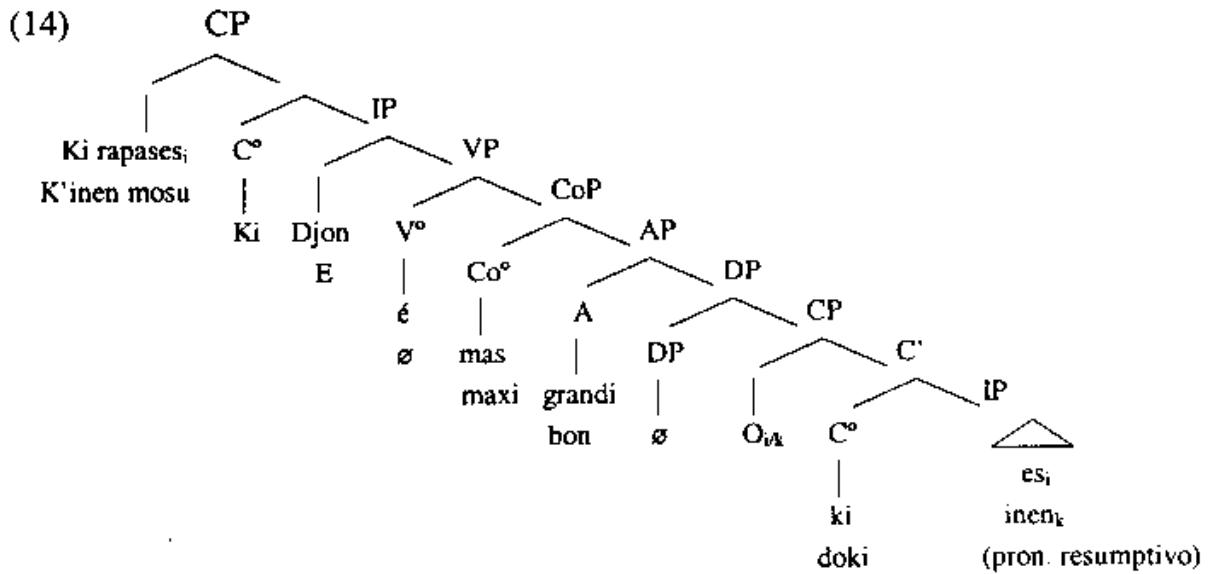
Estrutura (simplificada) da hipótese da relativa livre para o CST e o LU:⁶

⁵ Também aqui o CSV se aproxima substancialmente do PE ao permitir *pied-piping*, razão pela qual não representamos essa estrutura aqui.

⁶ É esta também a estrutura que parece ser aplicável ao Papiamento, segundo o nosso informante dessa língua.

Kua mucha hombernan John ta mas largu ku nan?
 Qual rapaz homem-3PL John ser mais alto que 3PL
 'John é mais alto do que que rapazes?'

De uma forma geral, verifica-se que o Papiamento se comporta como os crioulos aqui estudados, o que pelo menos neste módulo da gramática corrobora a ligação entre esta língua e os crioulos de base portuguesa do Atlântico leste e em particular os da Alta Guiné.

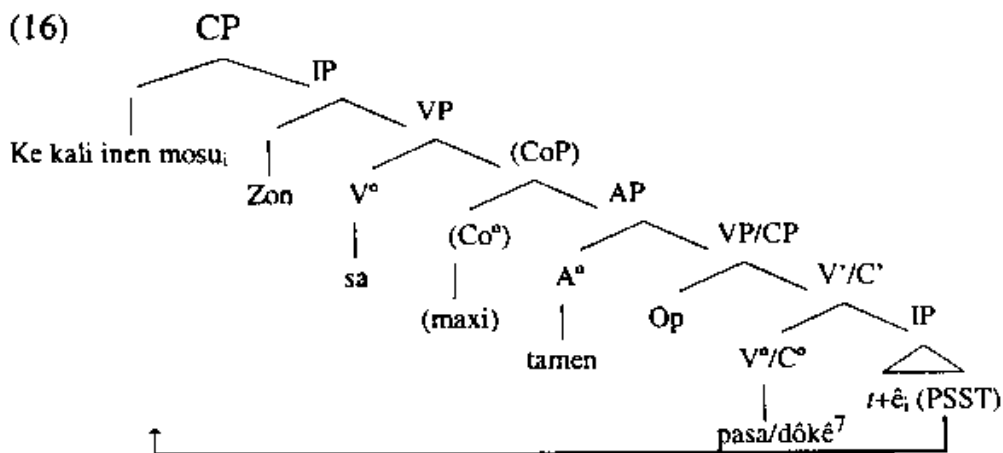


Segunda, a estrutura das orações comparativas em ST parece ser uma construção (quasi) serial, porque este crioulo apresenta um elemento *'pasa'* a introduzir as comparativas. A variação referida para o caso do AN, que à semelhança do ST dispõe de *patha* e *dôkê*, prende-se, presumivelmente, com a reanálise da conjunção comparativa como uma barreira para a extracção, isto é, um C°. A estrutura do LU é a favor desta hipótese, uma vez que esta língua não apresenta a variante serial e não dispõe de PSST.

- (15) Kê kali inen mina mosu Zon sa maxi tamen dê/pas'ê? (ST)
 Que qual 3PL criança rapaz Zon ser mais tamanho of-3SG/passar-3SG
 'Zon é mais alto do que que rapazes?'

Sugerimos que a conjunção comparativa não conta como um C° e não bloqueia, pois, o movimento. Por conseguinte, não existem ilhas a atravessar, legitimando a extracção-Wh em ST usando a estratégia PSST:

Estrutura (simplificada) da hipótese de construção serial/completiva em ST:



⁷ Em vez de *dôkê*, também ocorre a forma abreviada *di*, que na contracção com o pronome resulta em *dê*. Note-se também que, na maioria dos contextos, *dôkê* e *pasa* não são variantes livres, obedecendo a uma distribuição complexa.

Nesta hipótese, é fundamental que a estrutura serial com *pasa* tenha diacronicamente precedido o empréstimo da conjunção comparativa *dôkê* ao PE. Esta hipótese é fundamentada histórica e linguisticamente. As estruturas seriais não só têm reflexo no substrato mais antigo⁸, como também se verifica que a construção com *dôkê* não requer o emprego do elemento introdutor da comparação, *maxi*. Esta opcionalidade explica-se facilmente se assumirmos que, devido à pressão de suprato, *dôkê* começou a substituir a forma fonética anterior, *pasa*, mantendo no entanto a semântica dessa mesma forma.

- (17) Ê sa tamen dôkê mu.
 3SG ser mais tamanho do-que 1SG
 'Ele é mais alto do que eu.'

De resto, a oração comparativa comporta-se de facto como uma completiva. A hipótese de um CP com um vestígio realizado encontra suporte empírico nas construções completivas, onde um vestígio realizado aparece no local de extracção do PP:

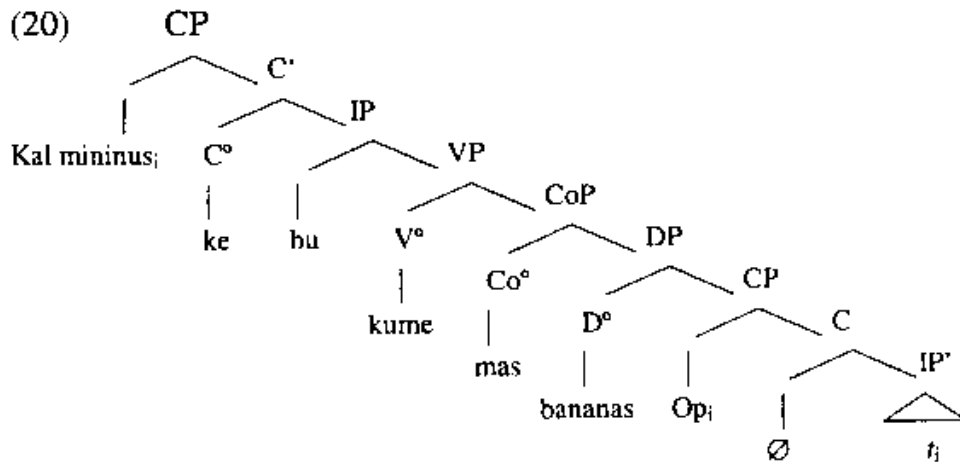
- (18) Kê mwala ku Zon fla ku bô fla ku ê? (ST)
 que mulher KU Zon falar que 2SG falar com 3SG
 'Com que mulher Zon disse que falou?'

O KR, por fim, é a única língua crioula que recorre à estratégia cortadora nas comparativas (cf. (19)). Segundo Tarallo (1985), entre outros, podemos assumir que o elemento que introduz estas orações é um complementador. Quer dizer, então, que a conjunção comparativa em KR é especificada [-Wh], não desencadeando o movimento de um elemento-Wh para SPEC,CP. De acordo com Duarte (1996), esta estratégia escapa ao *pied-piping* apagando, na componente fonológica, o local de origem do elemento-Wh.

- (19) Kal mininus ke bu kume mas banana [Ø]? (KR)
 que rapazes KE 2SG comer mais banana
 'Comeste mais bananas do que que rapazes?'

⁸ Para a discussão sobre a relação entre construções de verbos seriais e substrato, veja-se McWhorter (1993).

Relativa livre com a hipótese cortadora:



Em resumo, constata-se que:

(i) A estratégia cortadora e a resumptivização não envolvem movimento-Wh. No caso da cortadora, o local onde o elemento-Wh é gerado é apagado e, no caso dos pronomes resumptivos, este é preenchido com um pronome explícito que partilha os traços de número com o antecedente. Ambas as estratégias evitam o *pied-piping*. Por conseguinte, assumimos que nestas estruturas C^o recebe uma especificação negativa para o traço-Wh.

(ii) PSST e *pied-piping* envolvem movimento-Wh de elementos não lexicais (operadores) e lexicais, respectivamente. Contrariamente às outras duas estratégias, assumimos que nestes casos C^o recebe uma especificação positiva para o traço-Wh.

(21) Kes mudjer [ke bo bai [sen fala ma es]] ta vive na Lisboa. (CSV)
 DEM mulher que 2SG ir sem falar com 3PL ASP viver em Lisboa
 *'As mulheres que foste embora sem falar com elas vivem em Lisboa.'

(22) Kwali miga xi [ma o be na pikina [ka fa ku-ene]]? (AN)
 que amigo DEM MA 2SG encontrar criança pequena que falar com-3PL
 *'Que amigos encontraste uma criança que falou com eles?'

3. Lacunas parasitas

As estratégias de extracção de PPs usadas nestas línguas levantam ainda uma outra questão, que se prende com o estatuto do elemento extraído. Trata-se de uma variável pura (no sentido que lhe confere Cinque 1990) ou uma variável pronominal? Segundo a Teoria da Cópia, todos os vestígios são cópias que são apagadas em Forma Fonológica. No entanto, se os vestígios são cópias, como devemos classificar os vestígios com realização fonética com que nos temos deparado ao longo da nossa exposição? A estratégia de PSST constitui um problema para a referida teoria, porque os vestígios não são cópias, visto não concordarem em número com o antece-

dente, nem serem apagados em FF. Esta questão teórica pode ser contornada pela adoção de uma parametrização de variáveis que defina dois tipos de variáveis.

- (a) Tipo 1: vestígios são cópias de traços formais e são apagados em FF;
- (b) Tipo 2: vestígios não são cópias, mas sim variáveis com realização fonética.

Os dados de (23-25) mostram que as lacunas parasitas, que são apenas licenciadas por elementos A'-ligados (variáveis), podem ser licenciadas por vestígios com realização fonética. Quer isto dizer que os vestígios com realização fonética são variáveis pronominais, e não variáveis puras, A'-ligados por um operador em SPEC,CP.

- (23) Kal mininus ku bu na bai papia ku-el [sin bo konse (eles)]? (KR)
que rapazes KU 2SG ASP ir falar com-3SG sem 2SG conhecer (3PL)
'Com que rapazes vais falar sem conhecer/os conheceres?'
- (24) Kê inen mina se ku bo kume maxi kitxiba dôkê ê [sê da ôtlô kwa pg]? (ST)
que 3PL criança DEM KU 2SG comer mais banana do-que 3SG sem dar
outra coisa
- (25) Kwali inen minu kete txi kume maxi bana doke inen [si d'inen kwa oto di
kume] a? (PR)
qual 3PL criança pequena 2SG comer mais banana do-que 3PL sem dar-3PL
coisa outra de comer PI
Ambas: 'Comeste mais bananas do que que crianças sem lhes dares outra
coisa para comer?'

Quadro 2: Lacunas parasitas

	Estratégias	CP adjunto	
		Lacuna parasita	Pronome
Com Movimento	Pied-piping	PE	PE, CSV
	<i>PSST</i>	KR, ST, LU, AN	CST, KR, AN
Sem Movimento	Cortadora	.	CSV
	<i>Resumptiva</i>	.	Todas

O Quadro 2 mostra que, nas línguas estudadas, os pronomes resumptivos não são variáveis pronominais (como em relativas 'marginais' do PE), uma vez que não licenciam lacunas parasitas, tendo em conta que existe uma forte correlação entre a presença de pronomes resumptivos e a ausência de lacunas parasitas.

4. Considerações finais

Verificámos que o PE e o CSV contrastam com as demais línguas estudadas pelo facto de preferirem a estratégia de *pied-piping* à de PSST. Assumimos que, nestas línguas, as relativas apresentam a mesma estrutura básica, com movimento-Wh de um operador, e que contrastam com as interrogativas que exibem *pied-piping* de material lexical. Os dados também mostram que a estratégia de PSST e a de resumptivização se encontram em distribuição complementar.

Retomamos agora a introdução deste artigo, onde enfatizámos o facto de as línguas crioulas não deverem ser vistas como mais simples do que as línguas não crioulas. Segundo Chomsky (1998:14), «(...) move is more complex than its sub-components Merge and Agree, or even the combination of the two, since it involves the extra step of determining P(F) (generalized “pied piping”). Good design conditions would lead us to expect that simpler operations are preferred to more complex ones, so that Merge or Agree (or their combination) preempt Move, which is a “last resort”, chosen when nothing else is possible. Preference of Agree over Move yields much of the empirical basis for Procrastinate and has other consequences (...)».

Esta afirmação motiva o Quadro 3, onde hierarquizamos as estratégias em foco para a extracção-Wh de PPs. Do ponto de vista da economia da derivação, a cortadora é a estratégia mais económica (não assumimos que as preposições primeiro movem para depois serem apagadas) e *pied-piping* a mais custosa.

Quadro 3: Hierarquização de estratégias, deduzida com base em Chomsky (1998)

Estratégias	merge	Agree	spell-out	move Op	move Prep
1. Cortadora	+	-	-	-	-
2. Resumptiva	+	+	+	-	-
3. PSST	+	-	+	+	-
4. Abandono de P	+	-	-	+	-
5. Pied-piping	+	-	-	+	+

Enquanto é relativamente claro que as estratégias 1., 2. e 5. estão hierarquizadas de acordo com as características que têm, a discussão centra-se nomeadamente na hierarquização de 3. e 4., onde a única diferença consiste na presença *versus* ausência do vestígio foneticamente realizado. Consideramos que a realização do vestígio é ligeiramente menos custosa do que o simples abandono da preposição porque tem a vantagem de permitir a identificação explícita do local de extracção e facilita o processamento.⁹ Um outro argumento a favor desta organização prende-se com o facto de 4. e 5. serem frequentemente estratégias opcionais em línguas como

⁹ Pode-se assumir, contudo, que o simples facto de se pronunciar mais material lexical resulta num processo mais custoso.

o Inglês ou o Neerlandês, não tendo nós conhecimento de línguas que apresentem uma escolha entre 3. e 5.

Não obstante os crioulos de base lexical portuguesa (e espanhola) no Atlântico apresentarem uma surpreendente homogeneidade no aspecto sintáctico sob análise, especialmente se atendermos aos diferentes substratos e ao diferente grau de crioulição verificada quando se compara a Alta Guiné com o Golfo da Guiné, a nossa análise do movimento-Wh também sugere que, do ponto de vista da economia, não se pode dizer nada de especial sobre a natureza do conjunto das línguas chamadas crioulos face a outras línguas naturais. A forte coesão no que se refere às estratégias analisadas também se prende com o facto de considerarmos dois grupos em que as línguas estão geneticamente relacionadas entre si, o que desde já é um factor que restringe a variação.

O comportamento de outras línguas crioulas ou não crioulas também não é esclarecedor do ponto de vista tipológico. Numa variedade de Saramaccan, os resumptivos surgem em relativas sem ser em contexto de ilhas, ao passo que numa outra variedade da mesma língua o *pied-piping* é possível no mesmo contexto (cf. Veenstra 1996: 134). Outros crioulos, nomeadamente de base inglesa e neerlandesa, permitem abandono da preposição, enquanto outros ainda preferem *pied-piping*. E, para não limitar apenas a discussão a línguas crioulas, é sabido que há línguas como o Hebraico, o Irlandês e o Árabe Marroquino que, à semelhança do Saramaccan, exibem resumptivos em relativas simples.

Os factos do Saramaccan ou a mudança em curso no PE de *pied-piping* para a cortadora parecem no entanto indiciar que a hierarquia baseada em princípios de economia não é um modelo gradual, já que a passagem de uma estratégia para outra não implica passos progressivos na hierarquia (o PE, por exemplo, passa de *pied-piping* para a resumptiva ou para a cortadora). Quer isto dizer, então, que as estratégias são independentes umas das outras e que decorrem da combinação de diversos factores (como por exemplo, a selecção de um complementador *versus* a de um pronome relativo).

Referências

- ALEXANDRE, Nélia. 2000. A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu, Dissertação de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- AREND, JACQUES (ed.). 1995. *The Early Stages of Creolization*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- BAPTISTA, Marlyse. 1999. "Wh-extraction and Lack of Asymmetry: the puzzle of creoles", Ms.
- BICKERTON, Derek. 1981. *Roots of Language*. Ann Arbor, Karoma.
- . 1984. "The Language Bioprogram Hypothesis", *The Behavioral and Brain Sciences* 7, pp. 173-188.
- CHOMSKY, Noam. 1982. Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding, in Alain ROUVERET (introduction. and notes), *La Nouvelle Syntaxe*, Paris: SEUIL, 1987.

- 1995. *The Minimalist Program*, Mass.: MIT Press.
- 1998. "Minimalist Inquiries: the Framework", *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 15, Mass.: MIT Press.
- CINQUE, Guglielmo. 1990. *Types of A'-Dependencies*, Massachusetts: MIT Press.
- COMRIE, Bernard. 1981. *Language Universals and Linguistic Typology – Syntax and Morphology*, Mass.: Blackwell Pub.
- DEGRAFF, Michel (ed.). 1999. *Language Creation and Language Change: Creolization, Diachrony, and Development*. Massachusetts: MIT Press.
- (2000). «Creole Speakers as a Biologically Definable Class? Morphology in Language creation». *Language in Society Workshop*, University of Chicago.
- DIJKHOFF, Marta. 1983, *The Resumptive Pronoun Strategy in Papiamentu*, MA thesis, Groningen
- DONATI, Caterina. 1997. "Comparative Clauses as Free Relatives: a Raising Analysis". *Probus* 9.
- DUARTE, Inês. 1996. "A Topicalização em Português Europeu: uma análise comparativa", in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, vol. I, pp. 327-360, Lisboa: Colibri.
- HAGEMEIJER, Tjerk. 2000. *Serial Verb Constructions in São-Tomense*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- KIHM, Alain. 1984. *Kriyol Syntax: The Portuguese-Based Creole Language of Guinea-Bissau*, Amsterdão: John Benjamins Pub. 1994.
- LEFEBVRE, Claire. 1998. *Creole Genesis and the Acquisition of Grammar: the case of Haitian creole*. Cambridge. Cambridge University Press.
- MARTINUS, Frank (1996). *The kiss of a slave: Papiamentu's West-African Connections*, Dissertação de Doutorado, Universidade de Amsterdam.
- MAURER, Philippe. 1995. *L'Angolar: un Créole Afro-Portugaise parlé à São Tomé*. Hamburg, Helmut Buske Verlag.
- McWHORTER, John. 2001. "The World's Simplest Grammars are Creole Grammars", in *Linguistic Typology* 5, pp. 125-166.
- 1992. "Substratal Influence in Saramaccan Serial Verb Constructions". *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 7:1, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins.
- MUYSKEN, Pieter. 1988. "Are Creoles special types of languages?", *NEWMEYER (Ed.), Linguistics: The Cambridge Survey*, vol. 2, Cambridge: CUP.
- OUHALLA, Jamal. "Parasitic Gaps and Resumptive Pronouns" in *Parasitic Gaps* (eds. P. Culicover & P. Postal), MIT Press.
- TARALLO, Fernando. 1985. "The filling of the gap: pro-drop rules in Brazilian Portuguese", in *KING, L. & MALEY, C., Selected Papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages*, pp. 355-375, Amsterdam: John Benjamins.
- THOMASON, Sarah. & KAUFMAN, Terrence. 1991. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley/Los Angeles/Oxford, University of California Press.
- VAN RIEMSDIJK, Henk. 1978. *A Case Study in syntactic Markedness*. Lisse, Peter de Ridder.
- VEENSTRA, Tonjes. 1996. *Serial Verbs in Saramaccan: Predication and Creole Genesis*, Dordrecht: Holland Institute of Generative Linguistics.
- VEENSTRA, Tonjes & DEN BESTEN, Hans. 1994. "Fronting", em *Pidgins and Creoles: an Introduction*. John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia.